



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MICHEL SILVA RAMOS

**A INSERÇÃO DO RUGBY COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO MOTOR, COGNITIVO E SOCIAL DOS ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

CAMPINA GRANDE - PB

2025

MICHEL SILVA RAMOS

**A INSERÇÃO DO RUGBY COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO MOTOR, COGNITIVO E SOCIAL DOS ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso
de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

ORIENTADOR: Prof. Me. Igor Henriques Fortunato

CAMPINA GRANDE - PB

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R175i Ramos, Michel Silva.

A inserção do rugby como estratégia para o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos do Ensino Fundamental [manuscrito] : um relato de experiência / Michel Silva Ramos. - 2025.

29 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2025.

"Orientação : Prof. Me. Igor Henriques Fortunato, Departamento de Educação Física - CCBS".

1. Rugby escolar. 2. Educação Física. 3. Desenvolvimento Motor. 4. Desenvolvimento Cognitivo. 5. Desenvolvimento Social. I. Título

21. ed. CDD 613.71

MICHEL SILVA RAMOS

A INSERÇÃO DO RUGBY COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO
MOTOR, COGNITIVO E SOCIAL DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Educação Física da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado em Educação Física

Aprovada em: 11/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Josenaldo Lopes Dias** (***.451.864-**), em **20/06/2025 18:35:14** com chave **73d0dbfe4e1e11f088321a7cc27eb1f9**.
- **Igor Henriques Fortunato** (***.220.384-**), em **26/06/2025 12:23:13** com chave **7a09e3c652a111f097221a1c3150b54b**.
- **Regimenia Maria Braga de Carvalho** (***.562.384-**), em **26/06/2025 13:39:53** com chave **2f59c9e452ac11f0b42806adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 26/06/2025

Código de Autenticação: b8e047



AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, e olhar para trás me faz perceber o quanto essa jornada foi marcada por aprendizados, desafios e, principalmente, por pessoas que fizeram toda a diferença.

Agradeço de coração ao meu pai, Maurício, e à minha mãe, Betânia, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem em cada etapa, mesmo nos momentos em que nem eu acreditava. À minha irmã, Michelly, que esteve ao meu lado com palavras de incentivo e apoio incondicional, sou muito grato por tudo.

Ao professor Igor, meu orientador, agradeço pela dedicação e por todo o conhecimento compartilhado ao longo desse processo. Sua orientação foi essencial para que este trabalho acontecesse.

Agradeço ao meu amigo Arthur, pela amizade construída ao longo do curso que foi essencial nos momentos difíceis e nas conquistas. A parceria e o apoio fizeram toda a diferença.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade, meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a inserção do rugby como estratégia pedagógica nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I, destacando seu potencial para o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos. Trata-se de um relato de experiência realizado durante o Estágio Supervisionado IV, em uma escola pública do município de Campina Grande – PB, com uma turma do 5º ano. As intervenções pedagógicas foram fundamentadas na abordagem desenvolvimentista e em metodologias ativas, utilizando adaptações como o tag rugby para garantir a inclusão e a segurança dos estudantes. Os resultados demonstraram que, mesmo sendo uma modalidade pouco conhecida no ambiente escolar, o rugby despertou grande interesse, favoreceu a participação ativa dos alunos e promoveu valores como cooperação, respeito e trabalho em equipe. Conclui-se que o rugby, quando trabalhado de forma adaptada e contextualizada, pode ser uma alternativa eficaz e inclusiva para enriquecer o currículo da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Rugby escolar; Educação Física; Desenvolvimento motor; Desenvolvimento cognitivo; Desenvolvimento social.

ABSTRACT

This study aims to present the inclusion of rugby as a pedagogical strategy in Physical Education classes at Elementary School, highlighting its potential to promote students' motor, cognitive, and social development. It is a report of experience carried out during the Supervised Internship IV in a public school in Campina Grande – PB, with a 5th-grade class. The pedagogical interventions were based on a developmental approach and active methodologies, using adaptations such as tag rugby to ensure students' inclusion and safety. The results showed that, despite being a little-known sport in the school environment, rugby generated great interest, encouraged active student participation, and promoted values such as cooperation, respect, and teamwork. It is concluded that rugby, when adapted and contextualized, can be an effective and inclusive alternative to enrich the school Physical Education curriculum.

Keywords: School rugby; Physical Education; Motor development; Cognitive development; Social development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1 Contexto histórico do rugby no mundo e no Brasil.....	8
2.2 Rugby como conteúdo da educação física escolar.....	9
2.3 Ensino do rugby nas aulas de educação física escolar.....	11
2.4 O Desenvolvimento motor, cognitivo e social nas aulas de educação física escolar.....	13
3. METODOLOGIA.....	15
4. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	16
4.1 Caracterização do campo de estágio.....	16
4.2 Descrição do planejamento dos encontros.....	17
4.3 Descrição dos encontros.....	18
4.4 Benefícios e dificuldades do processo de ensino-aprendizagem do rugby nas aulas de educação física.....	20
4.5 Estágio supervisionado e a importância do conhecimento teórico e prático.....	23
5. CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS.....	25
GLOSSÁRIO.....	27
APÊNDICE A.....	28
APÊNDICE B.....	29
APÊNDICE C.....	29

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, observa-se uma limitação nos conteúdos abordados nas aulas de Educação Física escolar no Brasil, onde a prática pedagógica tem se concentrado principalmente nos esportes. No entanto, essa abordagem apresenta restrições, pois geralmente são trabalhadas apenas as modalidades mais populares ou aquelas com as quais os professores têm maior familiaridade, reduzindo as oportunidades dos alunos de explorar novas práticas e ampliar seus conhecimentos. Betti (1995) argumenta que os alunos demonstram insatisfação com a falta de variedade de conteúdos nas aulas de Educação Física, o que acaba gerando desmotivação, já que a escassez de atividades limita as oportunidades de desenvolvimento de habilidades em diferentes práticas. Estudos mais recentes corroboram essa preocupação, como a pesquisa de Matos e Sousa (2019), que, ao analisar a diversidade de conteúdos da Educação Física escolar, identificou a priorização de esportes tradicionais em detrimento de outras modalidades. Essa seletividade na escolha dos conteúdos pode restringir o repertório motor dos alunos e reduzir suas possibilidades de experimentar distintas formas de expressão corporal.

Segundo o Souza Júnior e colaboradores (1992) o ensino do esporte, quando descontextualizado, serve apenas à reprodução de um modelo competitivo e excludente, privilegiando o alto desempenho e a competição, excluindo alunos menos habilidosos e limitando a diversidade de práticas corporais. Essa abordagem reforça desigualdades e desconsidera o esporte como um fenômeno cultural e social. Diante desse cenário, o rugby surge como uma alternativa pedagógica que valoriza a coletividade, a inclusão e o respeito mútuo. No contexto da educação física escolar, Sambrana (2014) destaca que sua prática pode ser adaptada para enfatizar a cooperação, a participação ativa de todos os alunos e a construção de valores como solidariedade e respeito às regras, contrapondo-se à lógica do alto rendimento e proporcionando uma vivência esportiva mais democrática e acessível.

Assim, conforme apontam estudos como os de Pinheiro e colaboradores (2015) e Golin e Sambrana (2016), o rugby em sua versão adaptada (*tag rugby*) se apresenta como uma alternativa viável para sua inserção nas aulas de Educação Física escolar, devido à simplicidade e à facilidade de adaptação a diferentes espaços. Além disso, destaca-se por abordar valores éticos no esporte, como integridade, respeito e solidariedade, ampliando as possibilidades dentro da cultura corporal. Desde sua inclusão nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o rugby tem ganhado maior visibilidade no cenário esportivo brasileiro,

contribuindo para seu crescimento em projetos escolares e comunitários. Diante desse contexto, o rugby tende a se consolidar como um conteúdo cada vez mais presente nas aulas de Educação Física, especialmente por seu potencial educativo, formativo e inclusivo.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar o rugby como um conteúdo específico a ser abordado nas aulas de Educação Física no ensino fundamental I, considerando a influência da abordagem desenvolvimentista e o crescimento do ensino da modalidade como uma ferramenta para integrar diferentes valores à cultura corporal. Além disso, diante da ainda limitada discussão na literatura sobre esse conteúdo, este estudo busca contribuir para o campo, agregando conhecimentos a partir da experiência vivenciada no estágio supervisionado. Nesse sentido, o trabalho se configura como um relatório de experiência, refletindo sobre a inserção do rugby no contexto escolar e seus impactos no processo de ensino-aprendizagem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contexto histórico do rugby no mundo e no Brasil

A definição do rugby é explorada por Melnyk e Do Carmo (2022) como um esporte de conquista territorial que, de acordo com a Confederação Brasileira de Rugby (CBRU, 2020), pode ser classificado em duas principais modalidades: o *rugby union*, onde cada time começa com quinze jogadores, e o *rugby sevens*, disputado por equipes de sete jogadores. O principal objetivo do jogo é avançar pelo campo mantendo a posse de bola ou marcar pontos através de um chute de conversão entre as traves em formato de “H”.

Em relação ao seu histórico, de acordo com a Confederação Brasileira de Rugby (2024), o rugby surgiu na Inglaterra no século XIX e se espalhou pelo mundo rapidamente. Relatos apontam que durante uma partida de futebol escolar na cidade de Rugby, Inglaterra – daí o nome do esporte – um jovem chamado William Webb Ellis pegou a bola com as mãos e correu em direção à linha de gol do adversário, algo que não era permitido na época. Ao correr com a bola até o fundo do campo, ele teria criado uma nova maneira de jogar, que mais tarde deu origem a modalidade, esse fato ocorreu em 1823.

Vale destacar que naquele período, cada escola e universidade na Inglaterra tinha suas próprias regras para jogos com bola. Dessa forma, em 1845, a Escola da cidade de Rugby foi a primeira a escrever as regras do seu jogo, ajudando a padronizar o esporte. Ao longo do tempo, muitos clubes surgiram pelo país, e foi necessário criar uma organização para definir regulamentos.

Segundo o NBC Olympics (2024) na história dos jogos olímpicos o rugby esteve presente nas edições de 1900, 1908, 1920 e 1924, sendo jogado na versão com 15 atletas em cada equipe. Após um intervalo de 92 anos, a modalidade retornou ao programa olímpico em 2016, dessa vez na versão com equipes de 7.

No Brasil, segundo a Confederação Brasileira de Rugby (2024), os primeiros registros da modalidade datam de 1891, quando foi fundado o Clube Brasileiro de Futebol Rugby, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, o esporte começou a ser praticado em 1895 graças a Charles Miller, que também ajudou a difundir o futebol no país. Ademais, o rugby, no Brasil, ainda é um esporte em desenvolvimento, com crescimento gradual tanto em competições nacionais quanto na adesão de novos praticantes. No contexto escolar, sua presença na Educação Física ainda é limitada, em grande parte devido à falta de conhecimento dos professores sobre a modalidade e à ausência de materiais adequados (MELO e PINHEIRO, 2014; VAZ, 2005).

2.2 Rugby como conteúdo na educação física escolar

No processo de ensino e aprendizagem da Educação Física, o rugby está inserido na Base Nacional Comum Curricular, acessado em Brasil (2018), dentro da unidade temática dos Esportes de Invasão, sendo de suma importância para o desenvolvimento das crianças. Segundo a BNCC, o ensino dos esportes deve ir além da dimensão competitiva, promovendo a inclusão, a participação de todos e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais (BRASIL, 2018).

Além da BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reforçam a importância de diversificar os conteúdos da educação física escolar, evitando a centralização em esportes tradicionais e proporcionando aos alunos a oportunidade de vivenciar diferentes práticas corporais (BRASIL, 1998). Assim, o rugby, por sua natureza

estratégica e cooperativa, pode ser inserido nesse contexto, favorecendo o aprendizado coletivo e o respeito às regras.

Outro documento relevante são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB), que enfatizam o papel da educação física no desenvolvimento integral dos alunos, abordando o esporte como fenômeno cultural e ferramenta para a formação cidadã (BRASIL, 2013). Desse modo, o rugby, quando trabalhado pedagogicamente, pode permitir que os alunos compreendam valores como solidariedade, disciplina e respeito mútuo, essenciais para a convivência social.

Por fim, o Plano Nacional de Esporte (PNEsporte) destaca a necessidade de ampliar o acesso a diferentes modalidades esportivas no ambiente escolar, incentivando a diversificação e a democratização da prática esportiva (BRASIL, 2022).

De acordo com Andrade (2019) por envolver contato físico, o rugby é considerado por muitos educadores como uma atividade que pode oferecer certos perigos aos alunos. Entretanto, é importante reconhecer que qualquer prática esportiva, com ou sem contato direto, carrega riscos inerentes. Essas situações podem surgir a qualquer momento, como colisões em jogos de basquete ou futsal, ou quedas durante exercícios de ginástica, artes marciais ou dança. Atualmente, estratégias de ensino como o *tag rugby* e o *touch rugby* têm sido aplicadas com o objetivo de limitar o contato físico durante as aulas, reduzindo a exposição a possíveis lesões causadas por choques, algo frequente nessa modalidade esportiva.

Vaz (2005) argumenta que a implementação do rugby nas escolas enfrenta desafios, mas pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz. Nesse contexto, surge o *tag rugby*, uma versão recreativa e introdutória do rugby, derivada dessa modalidade esportiva. Trata-se de um jogo estratégico que não envolve contato físico direto, justamente porque substitui o *tackle* pela utilização de um cinto, chamado *tag* (etiqueta) em inglês, no qual ficam presas as fitas que devem ser retiradas durante a marcação. A partida pode ser disputada por equipes mistas, compostas por meninos e meninas, e o principal objetivo do jogo é marcar pontos. A equipe vencedora é aquela que acumular o maior número de pontuações ao longo da partida. A pontuação ocorre quando um jogador, estando de posse da bola, cruza a linha do campo adversário e apoia a bola no solo.

Outra variação da modalidade é o *touch rugby*, na qual, em vez do uso do *tackle* para interromper o avanço do adversário, basta um toque no corpo do jogador que está

com a bola. Ao ser tocado, ele deve parar no local e reiniciar o jogo a partir dali, seja com passes ou avançando novamente. Normalmente, após três toques, a posse de bola é transferida para a outra equipe. O jogo pode ser disputado por times compostos de 5 a 15 jogadores, idealmente com o mesmo número de participantes em cada equipe. Há diversas variações possíveis, como a exigência de um ou dois toques para interromper a jogada, ou regras que determinam que o jogador só deve parar após dois ou três toques consecutivos, exigindo que os defensores mantenham contato visual ou físico. Além disso, o número de toques permitidos pode ser ajustado, promovendo a tomada de decisão e o trabalho em equipe para superar os desafios impostos pelo adversário.

A implementação do rugby de forma adaptada na educação física escolar é uma estratégia valiosa para promover o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos. Variações da modalidade como o *tag rugby* e o *touch rugby* permitem que o esporte seja praticado de maneira inclusiva e segura, eliminando o contato físico intenso e tornando-o acessível para diferentes faixas etárias e níveis de habilidade. Além de estimular a coordenação motora, a agilidade e o condicionamento físico, o rugby adaptado também favorece o trabalho em equipe, a comunicação e o respeito às regras, contribuindo para a formação de valores como cooperação, disciplina e *fair play*. Dessa forma, a introdução dessa modalidade na escola contribui para ampliar as possibilidades de vivência corporal dos estudantes, promovendo novas experiências e despertando maior interesse e engajamento nas aulas de Educação Física.

2.3 Ensino do rugby nas aulas de educação física escolar

O ensino do rugby nas aulas de Educação Física tem sido abordado em diferentes estudos, destacando sua relevância como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento motor, social e cognitivo dos alunos. Segundo o estudo de Golin e Sambrana (2015), foi destacado que a introdução do *Tag Rugby*, reduz o contato físico, demonstrando-se uma estratégia eficaz para viabilizar o ensino da modalidade nas escolas. Essa adaptação contribui para tornar o esporte mais seguro e acessível aos alunos, favorecendo sua aceitação no ambiente escolar. Neves (2013) complementa essa perspectiva ao relatar que o rugby, quando inserido nas aulas de Educação Física, promove benefícios significativos no convívio entre os estudantes, estimulando a socialização, o respeito às regras e o trabalho em equipe. Nesse sentido, a modalidade se apresenta como uma alternativa

viável para diversificar os conteúdos tradicionalmente trabalhados nas aulas, rompendo com a hegemonia de esportes como o futsal e o vôlei. No entanto, conforme aponta Gavazza (2014), a implementação do rugby ainda enfrenta alguns desafios, entre eles a falta de formação específica dos professores, a escassez de materiais adequados e a forte cultura esportiva centrada no futebol. Apesar dessas barreiras, Sambrana (2014) ressalta o potencial pedagógico do rugby, destacando sua contribuição para a inclusão social dos alunos e para o desenvolvimento de valores como cooperação, solidariedade e *fair play*. A autora enfatiza a importância de capacitar os docentes e de utilizar metodologias ativas que favoreçam a aprendizagem e o engajamento dos estudantes durante a prática da modalidade.

Essas pesquisas exploram de que maneira o rugby pode ser incorporado às aulas de Educação Física, analisando tanto as estratégias de adaptação ao ambiente escolar quanto as possibilidades educativas que o esporte oferece. Neves (2013) trabalhou com alunos do ensino médio, utilizando o esporte para promover valores como cooperação e respeito, enquanto Golin e Sambrana (2015) analisaram a percepção de futuros professores sobre o *Tag Rugby* e sua aplicabilidade nas escolas. Sambrana (2014) propôs o rugby como alternativa metodológica, enfatizando seu papel na diversificação das aulas e no desenvolvimento integral dos alunos, ao passo que Gavazza (2014) discutiu os desafios culturais e estruturais de sua implementação no Brasil. Em comum, essas pesquisas evidenciam a importância da formação docente, da adequação da modalidade à realidade escolar e da promoção de práticas que favoreçam tanto a participação ativa quanto o crescimento social dos estudantes.

A análise dos estudos evidenciou um consenso sobre os benefícios da introdução do rugby nas aulas de Educação Física. Os pesquisadores observaram que a modalidade foi bem recebida pelos alunos, inclusive por aqueles sem experiência prévia no esporte. Neves (2013), por exemplo, constatou que os estudantes se mostraram entusiasmados e participativos durante as atividades, atraídos tanto pela novidade quanto pela natureza cooperativa do jogo. Na mesma linha, Golin e Sambrana (2015) verificaram que futuros professores de Educação Física consideraram o *Tag Rugby* uma prática acessível e pedagogicamente relevante, capaz de reforçar valores como trabalho em equipe, respeito e inclusão. Sambrana (2014) acrescentou que, quando abordado por metodologias ativas, o rugby estimulou não apenas o desenvolvimento motor, mas também os aspectos cognitivos e principalmente a interação social, criando um clima mais colaborativo em

sala de aula. Embora Gavazza (2014) tenha chamado a atenção para as resistências culturais ao esporte no Brasil, o autor também destacou seu caráter inovador, oferecendo aos alunos experiências distintas das modalidades convencionais. Em comum, os resultados sugerem que o rugby adaptado pode se tornar um recurso valioso para a Educação Física escolar, promovendo maior engajamento dos alunos e fortalecendo uma abordagem educativa que prioriza a inclusão e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais.

2.4 O Desenvolvimento Motor, Cognitivo e Social na Educação Física Escolar.

Na Educação Física escolar, o desenvolvimento motor diz respeito às mudanças progressivas nas habilidades de movimento dos indivíduos, influenciadas tanto pela maturação biológica quanto pelos estímulos do ambiente e pelas experiências vivenciadas. Esse processo tem início no nascimento e se estende por toda a vida, sendo especialmente marcante na infância, período em que a criança explora e aprimora movimentos como correr, saltar, arremessar e equilibrar-se. Nesse sentido, a escola desempenha um papel essencial, pois oferece vivências que favorecem o domínio corporal e ampliam as capacidades motoras dos alunos (Gallahue e Ozmun 2013).

Além dos aspectos motores, a Educação Física também contribui para o desenvolvimento cognitivo, uma vez que as atividades corporais estruturadas estimulam diversas funções mentais. Durante jogos e práticas lúdicas, os alunos exercitam habilidades como atenção, memória, percepção e raciocínio lógico. De acordo com Leitão (2006), essas experiências motoras auxiliam na construção de conceitos e no aprimoramento do pensamento, promovendo uma aprendizagem mais significativa. Complementando essa perspectiva, Piaget (1970) e Vygotsky (1991) defendem que o brincar é um recurso fundamental para o desenvolvimento cognitivo, pois permite à criança agir sobre o mundo de forma ativa, transformando a vivência corporal em conhecimento.

Por fim, é importante destacar que a Educação Física escolar representa também um espaço privilegiado para o desenvolvimento social dos estudantes. Ao participarem de jogos, brincadeiras e atividades em grupo, os alunos aprendem a lidar com regras, a resolver conflitos, a cooperar e a respeitar os colegas. Segundo Campanhã et al. (2021),

a prática regular de atividades físicas está associada à melhora do comportamento e do engajamento social, além de favorecer a saúde mental e o fortalecimento da autoestima. Dessa forma, o ambiente das aulas de Educação Física proporciona vivências fundamentais para a construção de valores como empatia, solidariedade e convivência ética, essenciais para a formação cidadã.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir de vivências no Estágio Supervisionado IV, em uma escola pública de ensino fundamental – anos iniciais. A experiência ocorreu no período de vigência do estágio, de agosto a outubro de 2024 e teve como proposta principal a inserção do rugby como conteúdo nas aulas de Educação Física.

A pesquisa é classificada como descritiva, pois tem como objetivo apresentar e expor, de maneira clara e organizada, as atividades realizadas, os contextos vivenciados, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos ao longo da prática pedagógica. De acordo com Gil (2008), a pesquisa descritiva busca descrever as características de determinada realidade, sendo adequada para estudos que têm como foco a observação e o registro de experiências reais.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O objetivo principal deste relato é apresentar a experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado IV. A escolha do rugby se deu por ser uma modalidade que, além de ampliar o repertório esportivo dos alunos, pode favorecer o desenvolvimento de diversas habilidades físicas, estratégias mentais e competências sociais, contribuindo significativamente para a formação dos estudantes. Essa formação é compreendida como um processo que visa ao crescimento pleno dos alunos, com ênfase nas dimensões corporal, cognitiva e relacional. A prática do rugby se mostra eficaz nesse sentido, ao estimular o domínio motor e a coordenação, favorecer o raciocínio tático e a tomada de decisões, além de fortalecer a convivência em grupo e o senso de coletividade. Valores como respeito, cooperação, disciplina e superação estão fortemente presentes nessa prática, ampliando seu potencial educativo.

Nesta seção serão abordados temas como: a receptividade dos alunos em relação ao rugby; os desafios encontrados na implementação da modalidade; as estratégias pedagógicas utilizadas para adaptar o conteúdo à realidade escolar; os ganhos observados no engajamento dos estudantes e no trabalho em equipe; além das contribuições da prática reflexiva para a formação docente. A análise será sustentada por observações diretas, registros em diário de campo e fundamentação teórica, permitindo uma compreensão crítica da experiência vivida.

4.1 Caracterização do campo do estágio

O Estágio Supervisionado IV foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Salomé Alves dos Santos, localizada no distrito de São José da Mata, no município de Campina Grande, Paraíba. A escola apresenta uma boa estrutura física para a realização das aulas de Educação Física, contando com uma quadra poliesportiva coberta, com marcações no solo e espaço adequado para a prática de esportes coletivos. Além disso, dispõe de recursos pedagógicos de apoio, como quadro branco e sala de vídeo, que foram utilizados para as explanações teóricas e a organização das atividades. Embora o acervo de materiais esportivos seja limitado, a instituição possui cones, coletes

e bolas de futsal, sendo que os materiais específicos para o rugby (bolas e *tags*) foram levados pelo estagiário.

As intervenções pedagógicas foram desenvolvidas com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, composta por alunos com faixa etária entre 8 e 10 anos, totalizando uma média de 20 estudantes. Os encontros aconteceram uma vez por semana, com duração de 40 minutos cada aula.

As atividades do estágio foram conduzidas dentro da disciplina de Educação Física, com foco na inserção de esportes alternativos, tendo o rugby como principal proposta pedagógica. O objetivo foi enriquecer o conteúdo das aulas por meio da vivência prática e teórica dessa modalidade, promovendo valores e habilidades alinhados ao desenvolvimento motor, cognitivo e social dos estudantes. Mesmo com algumas limitações de infraestrutura e materiais, o ambiente escolar mostrou-se favorável à condução das aulas planejadas, permitindo o desenvolvimento das atividades de forma segura, criativa e inclusiva.

4.2 Descrição do planejamento dos encontros

O planejamento das aulas de rugby foi estruturado de forma progressiva, respeitando os princípios do crescimento físico, do raciocínio estratégico e da interação social dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I. A sequência pedagógica adotada seguiu a lógica do simples para o complexo, iniciando com conteúdo teórico e atividades de familiarização com a bola, avançando gradualmente para tarefas com maior exigência de coordenação, cooperação e compreensão das regras do jogo.

As aulas foram organizadas em quatro encontros. O primeiro foi dedicado à introdução teórica da modalidade, abordando sua história, valores e diferenças em relação a esportes similares, como o futebol americano. Já os encontros seguintes focaram na prática motora, com atividades como condução e passe da bola, circuitos com obstáculos, formas de pontuação e, ao final, uma partida adaptada de *tag rugby*, respeitando a segurança e o nível de desenvolvimento dos alunos.

A abordagem pedagógica adotada, predominou a abordagem desenvolvimentista, fundamentada nos trabalhos de Tani e colaboradores (1988), que propõem uma Educação Física voltada para crianças de quatro a quatorze anos, baseada nos processos de

aprendizagem e nas dimensões física, cognitiva e afetiva. Para esses autores, a aula de Educação Física deve privilegiar a aprendizagem do movimento como meio e fim, respeitando a progressão natural do crescimento e desenvolvimento das crianças. As habilidades motoras básicas, como correr, arremessar, receber e saltar, devem ser ensinadas em uma ordem crescente de complexidade, sendo a base para o desenvolvimento das habilidades específicas, como as exigidas em esportes como o rugby.

Quanto aos estilos de ensino, foi utilizada uma combinação entre o estilo por comando, especialmente nas instruções iniciais e organização do espaço, e o estilo inclusivo e recíproco, conforme proposto por Mosston e Ashworth (2008), promovendo um ambiente onde os alunos mais habilidosos auxiliaram os colegas com dificuldades, favorecendo a aprendizagem colaborativa e o sentimento de pertencimento ao grupo.

A escolha pela abordagem desenvolvimentista e pelos estilos de ensino citados se deu com o objetivo de oferecer aulas mais significativas, que respeitassem o ritmo e o estágio de desenvolvimento de cada criança. Essa metodologia contribuiu para o desenvolvimento de habilidades motoras básicas, como correr, lançar, agarrar e desviar, ao mesmo tempo em que fortaleceu aspectos importantes da formação dos alunos, como a autoconfiança, o respeito às regras e o trabalho em equipe.

4.3 Descrição dos encontros

No primeiro encontro com a turma, foi realizada uma abordagem introdutória sobre a história do rugby e seus valores, explorando aspectos culturais e táticos da modalidade, como formação e posicionamento. A apresentação do conteúdo aconteceu por meio de recursos audiovisuais (slides), com imagens e curiosidades sobre o esporte, tornando a explicação mais atrativa e facilitando o entendimento dos alunos. Os alunos demonstraram grande entusiasmo, fazendo diversas perguntas — a mais frequente foi se o futebol americano era a mesma coisa que o rugby. Essa dúvida é comum, pois muitos já assistiram a filmes com a presença do futebol americano, o que gera certa confusão. Dessa forma, a aula inicial teve como foco o esclarecimento dessas questões e a apresentação dos fundamentos básicos do rugby, como o passe para trás, a recepção da bola, o posicionamento em campo e a importância do trabalho em equipe. Esses fundamentos foram introduzidos de forma teórica, com o apoio de recursos visuais nos

slides, que ilustravam as técnicas básicas e situações do jogo. A sequência pedagógica desse encontro consistiu na apresentação dos conceitos principais, seguida da discussão de exemplos práticos mostrados nas imagens, preparando os alunos para as próximas aulas práticas.

No segundo encontro, iniciamos a parte prática. A turma foi dividida em dois grupos dispostos em círculos, cada grupo com uma bola de rugby, passando para cada aluno. O objetivo inicial era proporcionar um primeiro contato com o material, permitindo que os alunos explorassem o peso e a textura da bola. Em seguida, foram ensinadas técnicas básicas de passe e recepção. Uma das atividades realizadas foi o passe para trás ou para o lado, feito em duplas, além do trabalho específico do posicionamento das mãos na altura do peito para a recepção correta do passe. Aproveitando o momento, também foram introduzidas noções iniciais de posicionamento em linha (formação em linha ofensiva), reforçando a ideia que no rugby, o passe deve sempre ser feito para trás o que exige atenção, comunicação e organização em quadra. Tani e colaboradores (1988) destacam que o ensino de habilidades motoras deve respeitar uma progressão pedagógica adequada ao estágio de desenvolvimento da criança, do simples para o complexo. Isso foi considerado na estruturação das atividades práticas, buscando garantir que os alunos desenvolvessem as habilidades básicas antes de avançar para tarefas mais exigentes.

Notou-se que alguns alunos possuíam mais facilidade na execução dos movimentos, o que possibilitou a criação de um ambiente cooperativo: aqueles com maior domínio auxiliaram os colegas com dificuldades. Embora alguns estudantes tenham demonstrado hesitação no início, essa resistência foi superada com o apoio dos colegas e o incentivo constante. Ao final da aula, muitos expressaram satisfação e interesse em continuar aprendendo sobre a modalidade.

O terceiro encontro foi voltado para o desenvolvimento da agilidade e da coordenação. Essas capacidades são essenciais no rugby, pois o esporte exige rápidas mudanças de direção, controle corporal, precisão nos passes e deslocamentos em situações dinâmicas de jogo. Trabalhá-las desde a iniciação contribui tanto para o desempenho esportivo quanto para o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos, considerando as fases do desenvolvimento motor (Gallahue e Ozmun 2013). Iniciamos com uma atividade de passe em duplas, organizadas em duas filas, com troca de passes até o final da quadra. Na sequência, foi proposto um circuito com cones, no qual os alunos deveriam conduzir a bola até o final da quadra para marcar o ponto (*try*).

Também foram apresentadas outras formas de pontuação, como a conversão, o *penalty goal* e o *drop goal*. Durante as atividades, foram observados momentos significativos de superação individual e de cooperação entre os alunos. Muitos demonstraram avanços ao longo da aula, especialmente na execução dos passes, desenvolvendo habilidades com o apoio mútuo e o incentivo coletivo.

No quarto e último encontro, foram realizadas atividades lúdicas e interativas, com o objetivo de promover o aprendizado de forma dinâmica e prazerosa. A principal atividade foi uma adaptação da brincadeira “pega-pega”, na qual os alunos utilizavam cintos com duas etiquetas. Um dos alunos deveria tentar capturar as etiquetas, enquanto o outro se esquivava com a bola. A brincadeira contou com diversas variações e teve como principal objetivo o desenvolvimento das habilidades motoras. Ao final, realizamos uma partida de *tag rugby*, utilizando regras adaptadas para a faixa etária da turma. Entre as principais regras trabalhadas estavam: o toque de *tag* (retirada da fita do cinto) substituindo o contato físico, a obrigatoriedade de passar a bola após ser 'tagueado' e a não permissão de bloqueios ou empurrões. Essas adaptações mantiveram o jogo seguro e dinâmico, respeitando o objetivo de promover o aprendizado de forma inclusiva e colaborativa.

Ao longo do estágio, cada encontro, seja teórico ou prático, foi finalizado com um momento de reflexão, buscando o *feedback* dos alunos a respeito das experiências vividas e dos conhecimentos adquiridos. A avaliação foi contínua e considerou a participação ativa dos alunos em todas as atividades. A experiência como um todo foi bastante positiva, observando avanços nas habilidades motoras e na agilidade dos estudantes, bem como melhorias na interação social, cooperação, autoconfiança e no senso de equipe, valores essenciais promovidos pelo rugby.

4.4 Benefícios e dificuldades do processo de ensino-aprendizagem do rugby nas aulas de educação física

A experiência com o ensino do rugby durante o estágio supervisionado revelou-se extremamente enriquecedora e desafiadora. Por se tratar de uma modalidade esportiva ainda pouco difundida nas escolas brasileiras, o rugby despertou grande curiosidade nos alunos, o que contribuiu positivamente para o processo de ensino-aprendizagem. Desde o primeiro encontro, foi possível perceber o entusiasmo dos estudantes diante da proposta,

mesmo que, inicialmente, houvesse dúvidas e confusões, especialmente com o futebol americano, uma associação comum, como apontado por Sambrana (2014), que destaca a importância de um processo pedagógico inicial claro para a desconstrução de estereótipos e o engajamento efetivo dos alunos.

O envolvimento da turma foi progressivo e bastante satisfatório. A cada aula, os alunos demonstravam maior participação, questionamento e desejo de aprender. O contato inicial com a bola de rugby, as primeiras atividades práticas de passe e recepção e, posteriormente, a introdução de circuitos e partidas de *tag rugby*, proporcionaram um ambiente estimulante, desafiador e cooperativo. Mesmo aqueles que apresentaram certa timidez ou dificuldade no início, conseguiram se integrar com o apoio dos colegas e do professor, fortalecendo não apenas o desempenho motor e cognitivo, mas também os laços sociais. Neves (2013) destaca que o rugby escolar, quando bem conduzido, proporciona experiências que favorecem a socialização, o respeito às regras e o trabalho em equipe, aspectos que foram claramente observados ao longo dos encontros.

Entre os benefícios observados, destacaram-se melhorias na coordenação motora, na agilidade, no equilíbrio e na percepção espacial dos alunos. Essas evoluções foram percebidas ao longo das atividades práticas, por meio de ações como passes mais precisos e rápidos, maior facilidade na mudança de direção durante os circuitos com cones e melhor posicionamento em quadra nas partidas de *tag rugby*. De acordo com Gallahue e Ozmun (2013), experiências motoras variadas e desafiadoras durante a infância são fundamentais para o desenvolvimento dessas capacidades. O rugby, especialmente em sua versão adaptada, contribuiu diretamente para isso. Além dos aspectos físicos, o rugby demonstrou ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento de valores sociais. Atitudes de cooperação, incentivo mútuo, respeito às regras e ao outro foram constantemente percebidas. Golin e Sambrana (2015) e Sambrana (2014) reforçam que o rugby, por seu caráter coletivo e estratégico, favorece a formação de atitudes éticas e de respeito mútuo, desde que o ensino esteja pautado em metodologias ativas e reflexivas. Esses valores ficaram evidentes em diversas situações, como nos momentos em que os alunos incentivavam colegas que demonstravam dificuldade durante os exercícios de passe, nas atitudes de ajuda espontânea durante a montagem dos circuitos de atividades e no respeito às regras de contato da modalidade, em que, mesmo nas situações de disputa pela bola, os alunos mantiveram a postura de *fair play*, respeitando as limitações dos colegas e valorizando o trabalho em equipe. A prática coletiva, aliada a dinâmicas que

incentivavam o apoio entre os participantes, promoveu um ambiente de inclusão, no qual todos puderam contribuir e aprender juntos. No entanto, o processo também apresentou algumas dificuldades. A principal delas foi a falta de familiaridade dos alunos com a modalidade, o que exigiu uma abordagem inicial mais explicativa e cuidadosa. Gavazza (2014) salienta que esse é um dos maiores obstáculos para a inserção do rugby nas escolas brasileiras, dada a predominância cultural de esportes tradicionais como o futebol. A confusão entre o rugby e o futebol americano demandou tempo para ser esclarecida, assim como a adaptação dos alunos aos fundamentos técnicos, como o passe para trás e o sistema de pontuação. Além disso, em alguns momentos, foi necessário lidar com a insegurança de parte dos alunos, especialmente nas primeiras atividades práticas.

Apesar dos resultados observados durante o estágio, uma limitação importante foi o número reduzido de encontros, totalizando apenas quatro aulas. Esse tempo, embora suficiente para apresentar os fundamentos iniciais do rugby e aplicar adaptações como o *tag rugby*, mostrou-se restrito para um aprofundamento mais consistente dos conteúdos e para um acompanhamento mais prolongado do desenvolvimento dos alunos. Como destaca Tani e colaboradores (1988), a aprendizagem motora é um processo contínuo que requer tempo, prática e progressão didática adequada. A sequência pedagógica utilizada seguiu uma lógica progressiva, iniciando com o reconhecimento do espaço e dos materiais, passando pela familiarização com as regras básicas e técnicas fundamentais, até chegar à vivência do jogo adaptado. Essa estrutura permitiu uma abordagem introdutória eficiente, mesmo em curto prazo. No entanto, com um número maior de encontros, seria possível explorar melhor aspectos táticos, aprimorar habilidades motoras específicas e promover reflexões mais aprofundadas sobre os valores envolvidos na prática esportiva, ampliando o impacto pedagógico da proposta.

Diante dessas observações, algumas indicações podem ser feitas para uma melhor condução do ensino do rugby nas aulas de Educação Física escolar. É fundamental iniciar o conteúdo com uma contextualização teórica clara, explicando a história, os valores e as diferenças entre o rugby e outros esportes similares. A utilização de metodologias ativas, como jogos adaptados, atividades lúdicas e o *tag rugby*, pode contribuir para um ambiente seguro, participativo e motivador. Por fim, o estímulo à cooperação entre os alunos e a valorização do aprendizado coletivo devem ser princípios centrais no processo pedagógico, permitindo que o rugby seja uma ferramenta eficaz tanto para o desenvolvimento físico quanto para a formação social dos estudantes.

4.5 Estágio supervisionado e a importância do conhecimento teórico e prático

Durante o estágio supervisionado, ficou muito clara a importância das disciplinas que tive ao longo da graduação para poder conduzir bem as aulas com o tema rugby. Algumas matérias foram fundamentais, como a de Esportes 1 e 2 (cursadas no 5º e 6º período respectivamente), que me deram bastante base para entender melhor como aplicar diferentes modalidades nas aulas. Nessas disciplinas, tive contato com metodologias como a abordagem desenvolvimentista e a pedagogia do esporte, que priorizam a adaptação das atividades às fases de desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos. Também explorei práticas como a progressão pedagógica do simples para o complexo e o uso de atividades lúdicas para a construção de habilidades técnicas, estratégias que foram essenciais para tornar o aprendizado mais acessível, dinâmico e significativo para a turma.

Também vale destacar o Estágio 2, que foi quando tive meu primeiro contato com o rugby. Foi a partir dali que surgiu a ideia de trabalhar esse esporte como forma de projeto no Estágio 4. Como já tinha tido essa vivência antes, consegui pensar melhor nas aulas e me preparar com mais confiança. Isso mostrou como as experiências que a gente tem ao longo da graduação fazem diferença na hora de planejar e aplicar os conteúdos na prática.

Essa vivência do estágio contribuiu muito para minha formação, assim como os outros estágios que já tive ao longo da graduação. Cada um teve seu papel, mas esse último foi especial porquê me deu a oportunidade de desenvolver um projeto do início ao fim, com um conteúdo que escolhi e me identifico. Foi um momento em que pude aplicar o que aprendi nas disciplinas, testar minhas ideias, lidar com situações reais e seguir evoluindo como futuro professor de Educação Física.

Pensando no futuro, pretendo levar o rugby como uma opção dentro das minhas aulas de Educação Física. É uma modalidade que trabalha valores importantes, além de ser diferente do que os alunos estão acostumados. A ideia é sempre adaptar as atividades para que todos possam participar, respeitando o nível de cada turma.

Durante o estágio, algumas dificuldades apareceram, como o fato de os alunos não conhecerem o rugby e confundirem com o futebol americano, além da necessidade de adaptar a modalidade. Mas, ao mesmo tempo, tive facilitadores, como o apoio do professor da escola, o envolvimento da turma e o conhecimento adquirido nas disciplinas

da graduação. Tudo isso contribuiu para que essa experiência fosse muito positiva e enriquecedora para minha formação como professor de Educação Física.

5 CONCLUSÃO

A inserção do rugby como conteúdo das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental pode se configurar como uma estratégia promissora para contribuir com o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos alunos, ao ampliar o repertório de movimentos, estimular o raciocínio tático e a tomada de decisões, além de promover valores essenciais à convivência em grupo, como respeito, cooperação e solidariedade. Nesse sentido, o rugby pode ir além do ensino técnico, apresentando-se como uma ferramenta rica para o aprimoramento físico, o desenvolvimento do pensamento estratégico e a promoção das habilidades sociais dos estudantes. A vivência proporcionada pelo Estágio Supervisionado IV evidenciou o potencial da modalidade, mesmo ainda sendo pouco conhecida no contexto escolar, para despertar o interesse dos alunos e favorecer o processo de ensino-aprendizagem de forma mais dinâmica e significativa.

Durante as intervenções, foi possível perceber situações que indicam avanços no desempenho motor, cognitivo e nas interações sociais entre os alunos. A adaptação por meio do *tag rugby* mostrou-se uma alternativa eficaz para garantir a segurança e a participação de todos, promovendo uma vivência esportiva democrática e inclusiva. Apesar de alguns desafios ao longo do processo, o desenvolvimento das atividades pode ser considerado positivo. O envolvimento da turma, o apoio da equipe escolar e o uso de metodologias ativas reforçam a importância de uma prática pedagógica conectada à realidade escolar.

Conclui-se, portanto, que o rugby, especialmente em suas versões adaptadas, pode representar uma alternativa pedagógica relevante, que vai além do ensino técnico. Trata-se de um conteúdo que dialoga com as diretrizes da BNCC e com uma proposta de Educação Física comprometida com a inclusão, o respeito à diversidade e a formação cidadã.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joicy Ligia de. **O Rugby nas Aulas de Educação Física do Ensino Médio: desafios e possibilidades**. 2019. 285f Dissertação (Mestrado em Educação física). Universidade Estadual de Maringá, Maringá 2019.

BETTI, Irene C. Rangel. O que ensinar: a perspectiva discente. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 27-30, 1995.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Esporte. Plano Nacional do Esporte. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2022. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/plano-nacional-do-esporte-2023/index.html>>. Acesso em: 29 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 1 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p. ISBN 978-85-7783-136-4.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, RUGBY NO. RUGBY NO BRASIL: NA ESCOLA! É POSSÍVEL? In: **5º CONGRESSO INTERNACIONAL DOS JOGOS DESPORTIVOS**. 2015. p. 87.

CAMPANHÃ, Luana Marcela Ferreira et al. Educação física escolar e os efeitos nas variações de humor dos estudantes—uma revisão narrativa. **Revista CPAQV—Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 2, p. 2-8, 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. História do rugby. 2024. Disponível em: <<https://brasilrugby.com.br/historia-do-rugby/>>. Acesso em: 27 fev. 2025.

DE MATOS, Christian Mendonça; SOUSA, Francisco José Fornari. DIVERSIDADE DE CONTEÚDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor-: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. AMGH editora, 2013.

GAVAZZA, Carla Carolina Nico. **O ensino do rugby no "país do futebol"**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) — Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLIN, Carlo Henrique; SAMBRANA, Joice das Dores Gonçalves. O RUGBY E O TAG RUGBY NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESPORTE-JOGO PARA SER EXPLORADO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS. **Educação Física em Revista**, v. 9, n. 1, 2015.

LEITÃO, Marcelo Crepaldi et al. Jogos e atividades lúdicas nas aulas de educação física: contribuições para o desenvolvimento cognitivo da criança. 2006.

MELLO, Júlio Brugnara; DOS SANTOS PINHEIRO, Eraldo. O rugby na educação Física escolar: Relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 5, n. 1, 2015.

MELNYK, Aline; DO CARMO, Gonçalo Cassins Moreira. Estado do conhecimento: estudos referentes a modalidade de rugby na perspectiva social. **Revista Stricto Sensu**, v. 7, n. 1, 2022.

Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). Teaching physical education. First online edition. Retirado de: <http://www.spectrumofteachingstyles.org>

NBC Olympics. Rugby 101: Olympic history, records and results. 2024. Disponível em: <https://www.nbcolympics.com/news/rugby-101-olympic-history-records-and-results>. Acesso em: 28 fev. 2025.

NEVES, RAFAEL BERNARDES PERRI; SILVA, Fabiano Fernandes da; VENDITTI JÚNIOR, Rubens. **APRESENTANDO O RUGBY COMO PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**. 2013. Tese de Doutorado. Instituto Federal de Educação.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

SAMBRANA, Joice das Dolores Gonçalves. **A inserção do Tag Rugby na escola: uma visão dos acadêmicos de Educação Física do CPAN/UFMS**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2014.

SOUZA JÚNIOR, Márcio et al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 391-411, 2011.

TANI, G.; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: EDUSP, 1988.

VAZ, L. Ensino do Rugby no meio escolar. **Revista Digital**, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GLOSSÁRIO

FAIR PLAY: expressão em inglês que significa “jogo limpo”. Refere-se à conduta ética, respeito às regras, aos adversários, árbitros e ao espírito esportivo durante as competições.

NBC OLYMPICS: divisão da emissora norte-americana NBC responsável pela cobertura oficial dos Jogos Olímpicos nos Estados Unidos, incluindo transmissões, entrevistas e reportagens exclusivas.

TACKLE: ação defensiva no rugby que consiste em derrubar o portador da bola ao solo, visando interromper o avanço da equipe adversária. Deve ser realizado de acordo com regras específicas para evitar penalidades.

TRY: no rugby, é a principal forma de pontuação, marcada quando o jogador apoia a bola no solo dentro da área de in-goal adversária. Vale 5 (cinco) pontos.

CONVERSÃO: tentativa de chute ao gol realizada após a marcação de um try. Se a bola passar entre as traves e acima do travessão, são somados 2 (dois) pontos à equipe.

PENALTY GOAL: forma de pontuação resultante de um chute ao gol concedido após uma penalidade cometida pela equipe adversária. Caso convertido, vale 3 (três) pontos.

DROP GOAL: pontuação obtida por meio de um chute ao gol durante o jogo, realizado após a bola quicar no solo. Se convertido corretamente, vale 3 (três) pontos.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Atividade prática de condução



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

APÊNDICE B – Atividade de agilidade



FONTE: Elaborada pelo autor, 2024

APÊNDICE C – Mini competição



FONTE: Elaborada pelo autor, 2024